

PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: CONSTRUINDO PRÁTICAS CRÍTICAS
SCHOOL AND EDUCATIONAL PSYCHOLOGY IN PROFESSIONAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION: BUILDING CRITICAL PRACTICES

Antonio Alan Vieira Cardoso¹

Elenilce Gomes de Oliveira²

RESUMO

A atuação do psicólogo no campo ainda pouco desbravado da educação profissional e tecnológica é desafiador, visto que são poucas as experiências consolidadas na área e, portanto, os referenciais de prática profissionais são escassos. Partindo dessa realidade, o presente trabalho tem como objetivo apresentar e discutir práticas em psicologia escolar e educacional desenvolvidas no contexto do Instituto Federal do Ceará (IFCE), buscando aprofundar os estudos já realizados e ampliar o quadro de produções teórico-práticas da área. As informações e questão de análise, objeto do presente trabalho, foram levantadas em pesquisa qualitativa com dezesseis psicólogos do IFCE que participaram de entrevista semiestruturada que buscava abordar a atuação desses profissionais, os desafios da prática cotidiana e suas estratégias de superação dos entraves do contexto de trabalho. Os resultados apontam para três eixos principais de atuação: acompanhamento psicológico individual; execução de campanhas com demais profissionais da Assistência Estudantil e; desenvolvimento e elaboração de projetos com foco em discentes e comunidade acadêmica. Esse conjunto de práticas reflete os processos de transformação pelos quais passa a atuação em psicologia escolar e educacional na educação profissional, científica e tecnológica.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Escolar e Educacional. Educação Profissional e Tecnológica. Atuação do Psicólogo.

ABSTRACT

The performance of the psychologist in the field of professional and technological education, which is still a short-lived one, is challenging, since there are few consolidated experiences in the field and, therefore, professional practice references are scarce. Based on this reality, the present work aims to present and discuss practices in school and educational psychology which are developed in the context of the Federal Institute of Ceará (IFCE), seeking to deepen the studies already carried out and to expand the area of theoretical and practical productions in the field. The information and analysis question, object of the present study, were raised in qualitative research with sixteen psychologists from IFCE who participated in a semi-structured interview that sought to approach the work of these professionals, the challenges of daily practice and their strategies of overcoming the obstacles of the job context. The results point to three main lines of action: individual psychological monitoring; execution of campaigns with other professionals of the Student Assistance and; development and elaboration of projects focused on students and academic community. This set of practices

¹ Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT). Psicólogo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

² Doutora em Educação, pela Universidade Federal do Ceará. Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Membro do Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional (LABOR/UFC). Integrante do Núcleo de Pesquisa em Educação Profissional (NUPEP/IFCE).

reflects the processes of transformation through which the work in school and educational psychology in professional, scientific and technological education goes through.

KEYWORDS: School and Educational Psychology. Professional and Technological Education. Psychologist's performance.

INTRODUÇÃO

A criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFECT), em 2008, inaugura uma nova fase na educação brasileira, sobretudo no campo da educação profissional. Tais instituições se espalharam pelo país trazendo em seu horizonte de atuação uma perspectiva de formação profissional ampla, baseada na articulação entre formação humanística e técnica. Além disso, contam com uma estrutura pluricurricular e multicampus, atuando na educação básica, profissional e superior.

Nesse contexto, o profissional de psicologia passa a integrar o quadro de técnicos administrativos em educação que atuam nos IFECT. A atuação de psicólogas e psicólogos nos Institutos Federais vem, na última década, sendo objeto de pesquisas e estudos em Programas de Pós-Graduação, entretanto o estado da arte sobre essa intersecção ainda é pequeno e carece de mais contribuições (FEITOSA; MARINHO-ARAÚJO, 2018).

Os principais estudos realizados até o momento (PREDIGER, 2010; BERTOLLO-NARDI, 2014; FEITOSA, 2017; DAVID, 2017) evidenciam que a atuação do psicólogo no campo, ainda pouco desbravado, da educação profissional e tecnológica é desafiadora visto que são poucas as experiências já consolidadas na área e, portanto, os referenciais de práticas profissionais são escassos. Além disso, as pesquisas apontam que no contexto educacional dos IFECT a demanda ainda é, muitas vezes, por uma intervenção clínica individual, apontada pelos estudiosos da área da psicologia escolar/educacional como pouco efetiva para a prática dos psicólogos no contexto educacional. Ainda assim, novas práticas estão em estruturação e apontam para a criação de intervenções mais coletivas e voltadas para a instituição educacional como um todo, deslocando o foco do trabalho do psicólogo das questões individuais do estudante para a dimensão contextual mais ampla dos próprios Institutos e suas práticas educacionais.

No escopo do Instituto Federal do Ceará (IFCE) esses profissionais atuam nas coordenadorias e setores de Assistência Estudantil, onde são um dos executores diretos da Política de Assistência Estudantil (IFCE, 2015), desenvolvendo ações com foco no desenvolvimento integral e integrado dos estudantes. A referida política tem como objetivo

principal atender aos objetivos estabelecidos pelo Programa Nacional de Assistência Estudantil (Decreto 7.234/2010) e também:

I - reduzir as desigualdades sociais; II - incentivar a participação da comunidade do IFCE em ações voltadas à sustentabilidade e à responsabilidade social; III - ampliar as condições de participação democrática, para formação e o exercício de cidadania visando à acessibilidade, à diversidade, ao pluralismo de ideias e à inclusão social; IV - promover o acesso universal à saúde, ancorado no princípio da integralidade, reunindo ações e serviços de acordo com a realidade local, de modo a fortalecer a educação em saúde; V - contribuir para a inserção do aluno no mundo do trabalho, enquanto ser social, político e técnico (IFCE, 2015, p. 3).

Oliveira (2017) aponta que no IFCE a atuação das psicólogas e psicólogos se encontra em fase de configuração, intercalando-se práticas tradicionais do fazer do psicólogo na educação, ligadas a intervenções mais individualizadas às questões de aprendizagem dos estudantes, com práticas novas, voltadas para uma posição mais crítica quanto ao fazer tradicional e com escopo mais abrangente em direção a instituição e suas práticas. Entretanto, a autora constata uma prevalência das práticas tradicionais.

Partindo desse contexto o presente trabalho tem como objetivo apresentar e discutir práticas em psicologia escolar e educacional desenvolvidas no contexto do Instituto Federal do Ceará (IFCE), buscando aprofundar os estudos já realizados e ampliar o quadro de produções teórico-práticas na área e contribuir na qualificação da atuação dos atuais e futuros psicólogos no contexto da educação profissional e tecnológica.

PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL NOS INSTITUTOS FEDERAIS: CONSOLIDANDO PRÁTICAS CRÍTICAS

O trabalho do psicólogo na educação tem uma herança marcada por intervenções individualizantes, de caráter curativo, em relação às questões de aprendizagem dos estudantes. Avaliação psicológica, psicodiagnóstico, atendimento clínico individual são práticas comuns no período inicial de atuação do profissional de psicologia em escolas, sobretudo de ensino básico. As psicólogas e psicólogos cumpriam assim um papel nas instituições educativas relacionado ao uso dos saberes psicológicos como fundamento de práticas pedagógicas tradicionais, que viam no “desarranjo” psicológico do estudante o motivo central de seus desafios de aprendizagem e desenvolvimento educacional (ANTUNES, 2008)

Esse uso das práticas psicológicas como fundamento da exclusão educacional começa a ser criticado por profissionais e pesquisadores que estranhavam o uso indiscriminado de técnicas de avaliação psicológica, assim como de teorias, importadas de

outros países, principalmente Estados Unidos e países da Europa Ocidental, aplicadas de forma descontextualizada em escolas brasileiras, com o intuito muitas vezes de classificar transtornos, gerando atitudes discriminatórias e culpabilização dos alunos pela não aprendizagem. O movimento de crítica dentro do campo da psicologia escolar e educacional, a partir da década de 1980, começa a pensar no contexto em que as queixas escolares são produzidas, assim como na realidade histórica, social e econômica como pano de fundo para a determinação dos fenômenos escolares. (PATTO, 1997).

Segundo Marinho-Araújo (2010) processam-se mudanças nas produções teóricas da psicologia e sua relação com a educação, que passam a adotar formas mais dialéticas para a compressão do desenvolvimento psicológico e da construção do conhecimento. Os impasses presentes na educação brasileira são analisados a partir da interdependência entre processos psicológicos e processos educacionais, tendo como base teorias que privilegiam a concepção histórica e social da constituição humana. Uma dessas teorias é psicologia histórico-cultural desenvolvida pelo psicólogo russo Lev Vygotsky. Segundo esse campo teórico a interação entre os substratos biológicos do organismo humano com a cultura, constituída pelas sociedades humanas no seu desenvolvimento histórico, cria as condições para que se construam as funções psicológicas superiores (VYGOTSKY, 2007). A constituição psicológica dos sujeitos é, portanto, resultado da interação entre cultura e indivíduo mediada pela linguagem.

O movimento de crítica e ressignificação de práticas do psicólogo na educação adentra o campo científico e busca se consolidar nas últimas décadas. Entretanto, é importante observar que ainda se convivem com práticas mais tradicionais que se voltam quase exclusivamente “a porque os indivíduos não aprendem” e como apontam Tanamachi e Meira (2003) as tentativas de retorno às ações mais tradicionais podem vir revestidas de uma linguagem que se apropria de autores como o próprio Vygotsky, mas que ainda assim buscam manter o *status quo* da realidade educacional, que apesar dos avanços, ainda relega a alguns uma formação deficitária e alienante.

A partir da análise de produções bibliográficas e dos eventos científicos da área, Marinho-Araújo (2010, p. 25) aponta que existem no campo da psicologia escolar e educacional alguns “hiatos comunicativos” entre a pesquisa e a intervenção. A autora demonstra a necessidade de que a intervenção psicológica adote uma perspectiva preventiva, na qual o foco de compreensão e também da atuação desloca-se para uma visão institucional, coletiva e relacional, além disso, espera-se que o psicólogo se comprometa com as

transformações sociais e busque evidenciar as contradições entre as práticas educativas e as demandas do sujeito.

O psicólogo escolar e educacional é compreendido assim como um mediador do desenvolvimento humano nos processos educativos, tentando facilitar processos de conscientização dos atores desses processos. Segundo Marinho-Araújo (2010, p. 27) essa proposta de atuação deve buscar

Observar esta realidade para mapear espaços, tempos, fazeres, crenças, concepções e dinâmicas, desenvolver sensibilidade de escuta dos discursos institucionais e das “vozes da escola”, provocar a re-significação das demandas e criar novos espaços para interlocução e circulação de falas e discursos dos sujeitos são competências necessárias à intervenção psicológica coadunada ao desenvolvimento de uma conscientização que pode provocar mudanças significativas, consistentes e duradouras na prática pedagógica.

A criação dos Institutos Federais de Educação busca alterar quantitativa e qualitativamente os alcances e propósitos da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, retomando a construção de espaços educativos vinculados à prática da cidadania e da ampla formação do sujeito. Para Feitosa e Marinho-Araújo (2018) a atuação de psicólogos escolares nessas instituições contribui para o fortalecimento de espaços formativos potencializadores do desenvolvimento humano da comunidade acadêmica e, a partir disso, corrobora com a perspectiva de uma formação qualificada que não se restringe somente à preparação de mão de obra especializada.

Em pesquisa realizada com psicólogos de um dos IFECT verificou-se que a atuação da psicologia no contexto da educação profissional, científica e tecnológica tem produzido práticas em dois eixos principais: acompanhamento da comunidade discente e participação nas políticas de assistência estudantil (FEITOSA; MARINHO-ARAÚJO, 2018). O primeiro eixo de acompanhamento discente se refere ao oferecimento de espaço de escuta psicológica, participação de reuniões acadêmicas e o desenvolvimento de projetos de suporte acadêmico aos estudantes. O segundo eixo contempla a atuação do psicólogo junto a equipes de profissionais como assistentes sociais e pedagogos nos projetos e serviços da política de assistência estudantil. As autoras concluem que

Mesmo que esses profissionais tenham demonstrado preocupação com a prática clínica e individualizante de sua atuação, muitos ainda apresentam dificuldades em propor ações práticas fundamentadas nos processos de desenvolvimento humano para toda a comunidade acadêmica, bem como em ressignificar a escuta psicológica ou implementar propostas de trabalho que ampliem o espectro da sua intervenção no contexto do ensino profissionalizante. (FEITOSA; MARINHO-ARAÚJO, 2018, p. 189).

É também importante frisar que atuações voltadas para uma dimensão mais coletiva e institucional podem encontrar entraves devido à complexidade e diversidade de demandas nos contextos da educação profissional e tecnológica, além das próprias lacunas na formação de psicólogas e psicólogos (TITO; ZANELLA, 2018). Os Institutos Federais oferecem variadas modalidades de ensino, desde cursos de formação inicial e continuada, ensino médio integrado ao ensino técnico, cursos superiores de tecnologia, bacharelado e licenciatura, além de cursos de pós-graduação impactando em diversos públicos de estudantes e consequentemente nas práticas direcionadas a cada um deles.

MÉTODO

As informações e questão de análise, objeto do presente trabalho, foram levantadas em pesquisa qualitativa com psicólogos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) que participaram de entrevista semiestruturada que buscava abordar a atuação desses profissionais, os desafios da prática cotidiana e suas estratégias de superação dos entraves do contexto de trabalho. A entrevista, segundo Gil (2008), é uma forma de interação social em que o investigador se apresenta aos sujeitos de pesquisa em busca de dados que contribuam com sua investigação. A entrevista por pautas ou semiestruturada foi o formato escolhido. Esse tipo de entrevista é guiado por um conjunto de pontos de interesse que o pesquisador vai desenvolvendo ao longo de seu curso. O grau de intervenção do pesquisador deve ser sutil e capaz de permitir a espontaneidade do processo (GIL, 2008). A entrevista semiestruturada possibilita a cobertura mais profunda das informações, visto que tem elasticidade quanto à duração e por favorecer respostas mais espontâneas devido a interação entre entrevistador e entrevistado. (BONI, QUARESMA, 2005).

As entrevistas foram desenvolvidas no IFCE, especificamente com os psicólogos escolares que atuam nos diversos *campi* da instituição presentes em todo o Estado do Ceará. Segundo dados do Sistema Unificado de Administração Pública do IFCE (SUAP-IFCE), são ao todo 27 (vinte e sete) psicólogos no IFCE, sendo que 3 (três) destes atuam na Reitoria da Instituição, em cargos de gestão ou em função não relacionada diretamente à psicologia escolar. Excetuando-se o próprio pesquisador, que também é psicólogo da instituição, o número de psicólogos escolares do IFCE é de 23 (vinte e três). Este foi, portanto, o número previsto de participantes da pesquisa. Deste quantitativo foi possível ser contemplado o

número de 16 (dezesesseis) participantes. As entrevistas foram conduzidas entre novembro de 2018 e fevereiro de 2019.

A pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal do Ceará tendo sido aprovada em 18 de setembro de 2018, com o parecer número 2.902.552 (CAAE: 96086918.1.0000.5589).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As informações e questões de análise apresentadas a seguir buscam apresentar as principais práticas desenvolvidas pelas psicólogas e psicólogos que atuam no IFCE. As perguntas que permitiram a obtenção dos dados tratavam das atividades cotidianas desenvolvidas no contexto da atuação do psicólogo escolar na instituição e também das ações que não puderam ainda ser colocadas em execução.

De maneira geral todos os profissionais pesquisados realizam alguma modalidade de acompanhamento psicológico individual, sobretudo de questões emocionais relacionadas à vida acadêmica. A Participante 06 relata que *“a gente faz plantão psicológico, a gente faz também atendimento individualizado focando nessas questões que tem a ver com o ensino-aprendizagem, dificuldade no estudo, uma dificuldade de relacionamento em turma que dificulta a forma como ele está aqui...”*. A forma e a estruturação desse tipo de acompanhamento apresentam algumas variações, funcionando, por exemplo, sob a forma de plantão psicológico, psicoterapia breve focal e acolhimento psicológico. Alguns profissionais dedicam dias específicos da semana para esse tipo de trabalho, é o caso do Participante 05 que separa *“dois dias e meio na semana para atendimentos individuais...”*. Em outros casos a organização é diferente como no caso da Participante 12 que fala *“existem os atendimentos individuais e eles acontecem a [sic] demanda espontânea, eles [estudantes] não marcam”*.

Ao falarem de seu trabalho mais individualizado com os discentes as psicólogas e os psicólogos geralmente apresentam a ressalva de que tal atuação não se caracteriza como uma clínica na educação ou atendimento psicoterápico. Nesse sentido a Participante 12 afirma que busca *“não priorizar ou não fazer da atuação do psicólogo uma atuação clínica dentro da escola, não transformar a escola numa clínica, mas a gente realiza alguns atendimentos, então quando é algo de orientações mais breves, algo que a gente consegue dar conta em alguns atendimentos...”*. Em muitas situações o estudante não consegue acompanhamento psicológico na rede de saúde do município e acabam recorrendo aos psicólogos do IFCE, sobre esse ponto a Participante 04 revela, *“eu tenho os meus atendimentos individuais para*

alguns casos que são um pouco mais difíceis de encaminhar, porque enfim não existe uma rede de saúde mental no município onde eu trabalho. Aí enfim, tem estudante que eu não posso simplesmente chegar e dizer: 'olha eu não estou aqui para fazer clínica, você se vira', então nesses casos em que é algo que é necessário um acompanhamento mesmo que mais nesse sentido individual...". Mesmo compreendendo que a realização de acompanhamentos individualizados deve ser ressignificada no contexto escolar alguns psicólogos apontam essa necessidade, sobretudo para casos mais emergenciais, como o Participante 02 que "acaba tendo que entrar num nível de acompanhamento que talvez não seja tão da alçada da psicologia escolar, só que a gente fica com aquele dilema ético, você fica naquela divisão de dizer eu não te atendo, porque não é o meu trabalho, eu não vou te atender, não vou te receber, não vou te escutar, dizer isso para um aluno é muito complicado".

Os profissionais demonstram estar cientes da perspectiva crítica de psicologia escolar que considera que o alcance de um trabalho individualizado é reduzido na dinâmica escolar e muitas vezes pode cair em práticas psicologizantes e pouco transformadoras sob o ponto de vista das práticas educacionais. Entretanto, se identifica aí o hiato comunicativo, verificado por Marinho-Araújo (2010), entre as produções teóricas e as práticas em psicologia escolar e educacional.

Os contextos de atuação dos profissionais apresentam contradições, como a baixa presença e efetividade de dispositivos de acolhimento de demandas relacionadas à saúde mental em muitos municípios, que impõem a realização de acompanhamentos mais emergenciais e individualizados pelos psicólogos. No contexto do IFCE para os psicólogos dos campi com maior número de estudantes, principalmente aqueles na casa dos milhares, os acompanhamentos psicológicos individuais ocupam a maior parte de seu tempo de trabalho e é um dos fatores que impede a realização de mais práticas coletivas.

Dentro das equipes de Assistência Estudantil do IFCE o profissional de psicologia se integra aos demais profissionais do setor na realização de campanhas relacionadas à prevenção em saúde, saúde mental e Direitos Humanos, com ações de sensibilização e orientação quanto a: prevenção do suicídio; prevenção aos cânceres de mama e próstata; HIV/AIDS; uso abusivo de álcool e outras drogas; questões de gênero; diversidade sexual; educação inclusiva; relações étnico-raciais, entre outras. A Participante 12 relata que "... a Assistência Estudantil tem uma série de campanhas que são colocadas para a gente fazer, então... tem semana da saúde, a gente faz uma semana inteira de programação voltada para a saúde, a gente faz semana do estudante, desenvolve setembro amarelo, outubro rosa,

novembro azul”. Na experiência da Participante 08 “*alguns temas a gente discutia em sala de aula, tipo gravidez na adolescência, que eu e a enfermeira, aí bullying, diversidade e assim fazer as campanhas, janeiro branco, setembro amarelo, falar sobre suicídio. Aí nas campanhas geralmente eu fazia alguma atuação na reunião com os professores que tinha e aí tinha as frentes com os professores, com os alunos, com os técnicos, aí a gente planejava as ações de cada eixo da campanha...*”. Nas campanhas os psicólogos tradicionalmente ficam como principais responsáveis pelas temáticas relacionadas à Saúde Mental e assessoram os outros profissionais nas demais temáticas.

A estruturação de campanhas temáticas é uma das formas da Política de Assistência Estudantil do IFCE tomar corporificação no contexto educacional. O trabalho interdisciplinar é privilegiado intentando-se atuar na promoção da saúde integral do estudante, no incentivo a sua participação social e na direção de uma formação humanística, ética e política. Esse tipo de prática no contexto educacional favorece a atuação do psicólogo escolar na mediação de processos de conscientização a partir da criação de espaços de diálogo importantes para a ampliação da formação técnica e específica dos estudantes da educação profissional e tecnológica.

Outro conjunto de práticas significativo dentro do trabalho do psicólogo no Instituto Federal do Ceará são os projetos desenvolvidos em geral com os demais profissionais do setor de Assistência Estudantil e que abordam temas variados nos contextos educacionais sob uma perspectiva interdisciplinar e coletiva. Segundo a Participante 09 “*a gente ... tenta construir as ações com base na política de Assistência Estudantil, a gente tenta divulgar e construir principalmente essa parte de projetos, projetos psicólogo-assistente social, enfermeiro-assistente social, enfermeiro-psicólogo, nutricionista-psicólogo,*”. A participação dos psicólogos em alguns desses projetos busca atuar em questões específicas da comunidade acadêmica, como no caso apresentado pelo Participante 11 que “*percebia que havia muitos problemas de relacionamento entre eles [estudantes] e a gente criava esse projeto como sendo um pretexto para colocar eles em interação, em um espaço fora de sala e, às vezes, acontecia de a gente misturar cursos diferentes, então era uma situação supervisionada por mim e pelo professor do próprio curso,... quando a atividade terminava a gente ia conversar depois com eles como foi que eles, as dificuldades, como eles se saíram e tudo mais*”.

Assim como são amplas as temáticas desses projetos - diversidade sexual, organização para estudo, orientação profissional, cidadania, questões de gênero, saúde mental,

violência - também o são os formatos metodológicos adotados, a saber: oficinas, cine debate, grupo operativo, dramatização, sarau, entre outras. O desenvolvimento desses projetos aparece como um dos dispositivos de maior inventividade na atuação de psicólogos no contexto do IFCE, na medida em que busca criar estratégias diversas para atender demandas específicas do acompanhamento da comunidade acadêmica.

A participação de psicólogos nos Núcleos de Acessibilidade às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE) e Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) também ocorre de forma recorrente. Sobre esse tipo de atuação o Participante 02 afirma *“Eu sou membro do NEABI, do NAPNE lá no campus, são dos núcleos que têm muita participação dos alunos e eu gosto muito de estar nesses dois núcleos porque que é onde a gente dá uma respirada e consegue se reunir com pessoas que estão preocupadas com as mesmas pautas que a gente... é onde a gente se reúne de pessoas que têm mais ou menos as mesmas diretrizes de pensamento e ético profissionais”*. Muitas vezes a participação nos referidos núcleos parece desafiar os locais onde se espera que o psicólogo esteja, o relato da Participante 04 vai nesse sentido: *“... eu faço parte do NEABI também e aí assim eu sei que algumas pessoas entendem como se isso não fosse meu trabalho na psicologia, para mim é muito, é uma perspectiva de promoção de saúde mental a uma população historicamente desassistida nesse sentido, então para mim é isso que eu estou fazendo ali...”*.

Com relação às ações que os psicólogos têm interesse de colocar em prática em sua atuação no IFCE grande parte dos profissionais entrevistados, doze dos dezesseis, intentam desenvolver intervenções em grupo, no sentido de atuar de forma coletiva com estudantes e demais membros da comunidade acadêmica, em espaços grupais, com frequência de encontros e continuidade. Os objetivos desses grupos têm motivações e conteúdos diferentes, o participante 02, por exemplo, *“gostaria muito de conseguir fazer um grupo de apoio, que tivesse uma periodicidade, quinzenal, que eu conseguisse me encontrar sempre com esses alunos e trabalhar uma série de pautas”*. A participante 06 também tem *“... vontade de trabalhar com grupos. Aqui a gente consegue fazer especialmente orientação profissional, mas assim de estar discutindo temas que tem muito a ver com o dia-a-dia daqui também, com preconceito, bullying, saúde mental, mas a gente tem dificuldade de mobilizar, não só os alunos, como também os professores, a direção de um modo geral, a gestão, é difícil o professor ceder o horário da aula para a gente estar fazendo esse tipo de intervenção”*. A questão da carga horária para desenvolver atividades em grupo junto aos estudantes, apontada no último relato, também se coaduna com as experiências de outros

profissionais, soma-se a isso o número muitas vezes insuficiente de profissionais de psicologia necessário para se conduzir tais grupos, para a Participante 10, única psicóloga de sua unidade, o desenvolvimento de grupos fica barrado visto que ela relata que não se sente *“à vontade para fazer [grupos] e dar conta das consequências disso sozinha, eu precisaria ter uma troca”*, indicando a necessidade de outro profissional de psicologia no seu campus.

A busca por trabalhos em grupo se aproxima das perspectivas mais críticas de atuação em psicologia escolar visto que os processos grupais permitem aos participantes compartilharem conhecimentos e construir novas sínteses mediatizados pela linguagem, impulsionando assim seu processo de desenvolvimento psicológico. (VYGOTSKY, 2007).

Essa aproximação rápida com as práticas de psicólogos do Instituto Federal do Ceará aponta para três eixos principais de atuação: acompanhamento psicológico individual; execução de campanhas com demais profissionais da Assistência Estudantil e; desenvolvimento e elaboração de projetos com foco em discentes e comunidade acadêmica. Esse conjunto de práticas reflete os processos de transformação pelos quais passa a atuação em psicologia escolar e educacional na educação profissional, científica e tecnológica. Ao mesmo tempo em que ainda dão ênfase aos atendimentos individualizados com foco em questões de aprendizagem e/ou de desempenho acadêmico, os psicólogos do IFCE também endereçam seus fazeres a temáticas mais contextualizadas, que problematizam as práticas institucionais, e à busca de metodologias coletivas de intervenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de educação encampada pelos Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia busca qualificar a profissionalização dos seus estudantes a partir da perspectiva da necessidade de uma formação crítica e ampla, enraizada no entrelaçamento do conhecimento dos fundamentos científicos das técnicas e da sua determinação histórico-cultural. O objetivo é desatrelar da educação profissional o signo de qualificação de mão de obra para o mercado de trabalho unicamente, caminhando no horizonte de uma formação integral do trabalhador. Além disso, a Rede Federal de Educação Profissional busca se interiorizar pelo país oferecendo educação pública de qualidade em municípios de médio e pequeno porte, por meio de cursos em várias modalidades.

Esse contexto é desafiador para a prática do psicólogo na medida em que se configura como um campo novo de atuação, com múltiplos públicos e com uma proposta educativa também complexa. O próprio campo teórico e prático da psicologia escolar e

educacional, mesmo consolidado, ainda apresenta algumas lacunas acerca de uma perspectiva crítica e institucional. As expectativas em relação ao trabalho do psicólogo na educação ainda estão vinculadas a uma prática psicoterápica individual e isso se manifesta também nos atores da educação profissional. A própria ausência de profissionais de psicologia nos dispositivos de saúde pública de muitos municípios do país pode ser um dos fatores que contribui para que demandas de atendimento psicológico individual sejam encaminhadas para os psicólogos escolares e educacionais das instituições da Rede Federal de Educação Profissional.

Os estudos recuperados na discussão teórica e as práticas apresentadas na seção anterior demonstram um processo de transformação na atuação do psicólogo, que ainda tem o acompanhamento individual como um de seus focos, mas também apresenta uma busca cada vez maior por novas formas de estar no ambiente dos IFCET, seja por meio da criação de projetos temáticos, trabalhos interdisciplinares e em núcleos com atuação voltada aos Direitos Humanos. Essa atuação demonstra um caráter de autocrítica, um desconforto quanto a executar os papéis tradicionais relegados ao psicólogo e a busca pela criação de ações novas, a partir da realidade de cada campus. Tal atuação vai ao encontro da proposta germinal da educação profissional e tecnológica pensada para os Institutos Federais, desta forma, os profissionais de psicologia tem papel importante na consolidação da formação integral.

Entretanto, é importante destacar que ainda são remotos os espaços em que os psicólogos podem atuar de forma mais direta na proposta de educação profissional oferecida nos IFECT, mediando processos de transformação de práticas educativas muitas vezes descontextualizadas e esvaziadas de sentido para o desenvolvimento psicológico e profissional dos estudantes. Assim percebe-se que o potencial da psicologia na educação profissional pode ser cada vez mais explorado, visto que quanto mais ampla é a percepção que se tem do papel desse profissional, maiores são suas as possibilidades de contribuição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, M. A. M. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 469-475, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n2/v12n2a20.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

BERTOLLO-NARDI, M. **O trabalho do psicólogo em um campus do IFES: possibilidades e desafios de uma prática**. 2014. 199f. Tese (Doutorado em Psicologia) – UFES, Vitória, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/1588>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 **Revista Labor, Fortaleza/CE, jan/jun 2018 nº 21, Vol. 01, pp. 130-143 ISSN 1983-5000**

nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

DAVID, M. M. **Atuação da psicologia escolar no Instituto Federal de Goiás: concepções e práticas**. 2017. xiii, 125 f., il. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em:
<<http://repositorio.unb.br/handle/10482/24630>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

FEITOSA, L. R. C. **Psicologia escolar nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: contribuições para a atuação na educação superior**. 2017. 299 f., il. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/23050>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

FEITOSA, L. R. C.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. O papel do psicólogo na educação profissional e tecnológica: contribuições da Psicologia Escolar. **Estud. psicol.** Campinas, v. 35, n. 2, p. 181-191, 2018. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2018000200181&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 03 abr. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IFCE. **Regulamento da Política de Assistência Estudantil do IFCE**. Fortaleza, 2015. Disponível em: < <https://ifce.edu.br/espaco-estudante/assistencia-estudantil/arquivos/regulamento-da-politica-de-assistencia-estudantil-do-ifce.pdf>> Acesso em: 04 abr. 2019.

MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia Escolar: pesquisa e intervenção. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 17-35, mar. 2010. Disponível em:
<<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2249/2216>>. Acesso em: 04 abr. 2019.

OLIVEIRA, R. C. N. **Avaliação do serviço de psicologia da assistência estudantil no Instituto Federal do Ceará**. 2017. 109f. - Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/28432>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

PATTO, M. H. S. Para uma crítica da razão psicométrica. **Revista Psicologia USP**, v.8, n1. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1997. P. 47-62. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000100004>. Acesso em: 03 abr. 2019.

PREDIGER, J. **Interfaces da psicologia com a educação profissional, científica e tecnológica: querer e fazer**. 2010. 86 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Programa de pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2010. Disponível em:
<<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/77886>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

TANAMACHI, E. R.; MEIRA, M. E. M.. A Atuação do Psicólogo como Expressão do Pensamento Crítico em Psicologia e Educação. In: M. E. M. MEIRA; M. A. M. ANTUNES (Orgs.), **Psicologia escolar: Práticas Críticas**. (pp. 11-62) São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

TITON, A. P.; ZANELLA, A. V. Revisão de literatura sobre psicologia escolar na educação profissional, científica e tecnológica. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 22, Número 2, Maio/Agosto de 2018: 359-368. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v22n2/2175-3539-pee-22-02-359.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento das funções psicológicas superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.